



Segurança alimentar e nutricional através da produção agroecológica em horta comunitária do assentamento São Francisco - MST.

Food and nutritional security through agroecological production in a community garden in the São Francisco settlement - MST.

MORAES, Victor Leonam Aguiar¹; BELÉM, Clerison dos Santos²; MENEZES, Andressa Souza³

¹ SDR-BA/CAR/Pró Semiárido, victorleonam@gmail.com; ² IRPAA, clerison@irpaa.org;

³andressa@irpaa.org

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Sistemas Agroalimentares e Economia Solidária

Resumo: A experiência ocorreu no Assentamento São Francisco, Território Rural Arco Iris, em Juazeiro – Ba, teve como agentes transformadores o projeto Pró Semiárido e a assessoria técnica do IRPAA - Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada, sendo este assentamento vinculado ao Movimento dos Trabalhadores sem Terra. A análise se deu referente ao ano agrícola 2021 e foram utilizadas ferramentas participativas para coleta de dados, como a caminhada transversal, linha do tempo e coleta de dados secundários por meio das cadernetas agroecológicas. Foi possível observar que, com acompanhamento da política pública de ATER estruturante e contínua, houve a volta dos trabalhos coletivos, gestão e troca do conhecimento e aumento exponencial da produção, sendo 9.810 und para consumo e 46.010 und para comercialização em mercados de ciclo curtos, o que permitiu aumentar a segurança alimentar e nutricional das famílias e sua autonomia.

Palavras-Chave: sistemas agroalimentares; MST; mercados ciclo curtos

Contexto

A experiência é resultante da produção agroecológica em horta coletiva no Assentamento de reforma agrária “São Francisco”, Território Rural Arco Iris do Sertão, vinculado ao MST - Movimento dos Trabalhadores Sem Terra e ao trabalho da ATC – Assessoria Técnica Continuada do Pró-Semiárido, projeto coordenado pela Cia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR) com recursos provenientes do Governo do Estado da Bahia, mediante acordo de financiamento junto ao Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA) e IRPAA no município de Juazeiro-BA, por meio de interação com mercados locais, certificação orgânica participativa, produção de alimentos aos assentados e interação de aprendizagem com escolas, agricultores e técnicos. Os dados foram coletados e observados em 2021 por meio do trabalho com o grupo de interesse de agricultores/as que trabalham de forma coletiva e agroecológica, composto por homens, mulheres,



jovens e crianças, envolvendo em média 13 famílias das 120 presentes no assentamento.

Podemos ressaltar que a experiência, promoveu resultados como a organização coletiva da produção agroecológica, interação a mercados locais de ciclo curto, como feiras agroecológicas, mercado na comunidade, encomendas e venda espontânea, por meio de mercado que pratica preço justo entre clientes e agricultores, e oportunizou o aumento do autoconsumo das famílias e melhora nutricional com alimentos saudáveis

Descrição da Experiência

Com a finalidade de compreender as relações de como grupo de agricultores e agricultoras conseguiram chegar a resultados aparentes, foi utilizado algumas ferramentas participativas, como: (i) “Mapa Mental (presente, passado e futuro)”;

(ii) “caminhada transversal” (VERDEJO, 2010); (iii) Linha do Tempo, que teve papel importante na análise, como visto na figura 01 (PETERSEN, 2017) e (iv) levantamento de dados secundários contidos nas cadernetas agroecológicas (CARDOSO, 2019). As atividades foram feitas em 02 etapas com todo o grupo.

Assim podendo observar na linha do tempo, figura 01, a trajetória da horta coletiva no assentamento São Francisco e seus principais acontecimentos e fatos, que contribuíram para que essa experiência se tornasse referência para assentamentos MST no Território Sertão do São Francisco, Bahia.

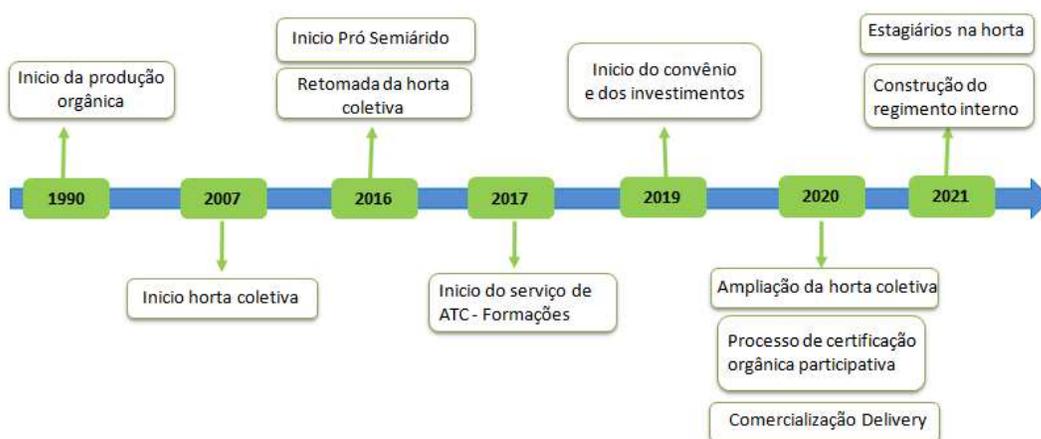


Figura 01 – Linha do Tempo do Assentamento São Francisco.



A experiência iniciou nos anos 90 através de uma agricultora ainda enquanto acampamento, que devido sua crença na produção agroecológica participou de série de formações, animando também outros companheiros/as. No ano de 2007 foram envolvidos mais agricultores na horta comunitária através de uma área emprestada, na qual existia um poço que foi instalado com uma bomba de água popular – BAP pelo IRPAA e Diocese de Juazeiro.

Mesmo com diversas dificuldades encontradas durante os anos, sempre houve uma variação na quantidade de agricultores envolvidos na horta comunitária, mas nunca ficou parada, mesmo com desânimo de alguns. No ano de 2016, com a chegada do Pró-Semiárido e do serviço de ATC/IRPAA, acendeu uma esperança em relação à retomada do trabalho coletivo e da estruturação da horta comunitária. A partir do ano 2017, através do convênio produtivo do Pró Semiárido, foi formado o grupo de interesse de Agrobiodiversidade para retomada da horta coletiva, construindo um plano de investimento e passando a fazer parte da ATC com uma série de formações, reuniões e rodas de aprendizagem. Em 2019, com a liberação do recurso do convênio para a associação, um dos primeiros investimentos foi a construção do viveiro coletivo de 728 m², animando o grupo e retornando a produção coletiva de forma mais intensa e organizada. O foco foi a produção de forma diversificada e agroecológica para a segurança alimentar nutricional das famílias, reciprocidade na doação para vizinhos e familiares e também a comercialização do excedente em mercados locais.

No ano de 2020 a horta coletiva precisou ser ampliada devido ao sucesso da produção agroecológica e o aumento da adesão de assentados no trabalho coletivo. A área de 2.500 m² passou a atender a demanda de produção de tubérculos, feijão, batata doce e demais alimentos. Assim, foi possível acessar mercados de ciclo curto, como venda a outros assentados e em comunidades vizinhas. Ainda em 2020, foi iniciada a formação do grupo para a certificação orgânica participativa e comercialização por encomenda durante a pandemia de COVID-19.

No ano de 2021, o grupo se reorganizou com a construção do regimento interno, adesão de alunos de escolas técnica com estágio na horta, experimento de alunos de mestrado, diversificação da produção e incremento de práticas agroecológicas.

Para fortalecer a ação já desenvolvida pelos assentados foram realizadas diversas atividades práticas e teóricas com foco no trabalho coletivo, preparando o grupo de interesse para a estruturação da horta coletiva, com rodas de aprendizagem, onde foram dialogados a implantação da horta e a produção de insumos (composto orgânico, biocaldas e mudas). Também foram resgatados os mutirões para



implantação de estruturas, como viveiro telado, manutenção, preparação de insumos e colheita. No processo surgiram demandas de formações para organização local do grupo e construção do regimento interno, organização para acessar mercado e formação do grupo para certificação orgânica participativa.

Com as diversas intervenções e reflexões, foi possível debater sobre uso de agrotóxico nas áreas agrícolas dos assentados, consumo de alimentos convencionais de origem desconhecida, alimentação de baixa qualidade e quantidade inadequada, além da utilização de práticas convencionais que impactam o ambiente, com alto custo para produção e com consequências para a saúde. O grupo realizou algumas ações exitosas como fornecimento de alimentos para cestas básicas durante a pandemia, produção de mudas de umbuzeiro e mudas nativas para o recaatingamento da comunidade, se tornando um exemplo e referência de produção coletiva agroecológica no movimento.

O grupo também, passou a desenvolver estratégias de mercado como: comercialização a outras famílias, encomenda em comunidades vizinhas e delivery por meio de cestas agroecológicas. Observando a demanda pelos orgânicos, com trabalho do Pró Semiárido o grupo foi inserido em ação junto a OPAC Rede Povos da Mata, com a intensão de que essas famílias possuam selo de certificação orgânica participativa, a com isso, acessem mercados como feiras orgânicas, mercados formais e PNAE orgânico. A iniciativa ficou conhecida como “Grupo Semeando Agroecologia no Semiárido” tanto para serem identificados no assentamento, junto ao MST, e na certificação orgânica participativa

Dessa forma, a experiência coletiva construída pelos agricultores/as, com apoio da ATC e suas ferramentas, possibilitou a interação com a segurança alimentar e nutricional, com práticas alimentares promotoras de saúde que respeitam a diversidade cultural e que sejam ambiental, econômica e socialmente sustentáveis. Isso possibilita influenciar processos formativos em outros assentados e acessar mercados locais, gerando rendas econômicas e não econômicas e reciprocidade.

O que pode ser visto na tabela 01, onde 9.810 unidades de alimento foram consumidas pelas famílias representando 18% do total, e 46.010 unidades foram comercializadas representando 82% do total produzido. Esse levantamento indica que as famílias estão se alimentando bem, com produtos de qualidade e ainda gerando renda monetária a partir da comercialização em mercados locais de ciclo curto.



Tabela 1. Diversidade e quantidade de produtos referente ciclo anual 2021.

| Produto | Unidade | Quant. consumida | Quat. comercializada |
|--------------------|----------------|-------------------------|-----------------------------|
| Coentro | Molho | 500 | 3.600 |
| Alface | Molho | 1.100 | 4.000 |
| Cebolinha | Molho | 500 | 3.500 |
| Rucula | Molho | 300 | 3.000 |
| Tomate cereja | Pacote | 900 | 1.500 |
| Couve | Molho | 800 | 3.600 |
| Salsa | Molho | 100 | 500 |
| Pimentão | Pacote | 480 | 3.000 |
| Pimentinha | Pacote | 100 | 500 |
| Hortelã | Molho | 100 | 250 |
| Beringela | Pacote | 200 | 1.500 |
| Quiabo | Pacote | 200 | 1.400 |
| Maxixe | Molho | 180 | 1.300 |
| Pepino | Pacote | 190 | 1.200 |
| Abobora | Kg | 1.400 | 3.600 |
| Batata doce | kg | 760 | 3.360 |
| Macaxeira | Kg | 800 | 3.700 |
| Beteraba | Kg | 500 | 2.400 |
| Cenoura | Kg | 400 | 2.100 |
| Feijão verde | Pacote | 300 | 2.000 |
| 19 produtos | | 9810 und | 46.010 und |

Resultados

Com a persistência de alguns agricultores na produção agroecológica, formações realizadas pelo MST para estimular a produção de alimentos saudáveis, somado a chegada de projetos de fomento e assessoria focado na convivência com o semiárido e produção agroecológica, foi possível potencializar a experiência da produção, implantando uma horta coletiva através de um viveiro telado e 01 área de produção, que somadas é de um hectare.

Um dos principais elementos para o sucesso da experiência foi a perseverança dos agricultores e o trabalho de ATC, junto aos investimentos vinculados ao grupo de interesse, possibilitando que o trabalho coletivo se tornasse viável de realizar, além das trocas entre agricultores e equipe técnica de forma contínua, utilizando como ferramenta rodas de aprendizagem. Outra metodologia utilizada e que contribuiu com resultados são os intercâmbios, tanto o grupo teve oportunidade de visitar outras experiências como atualmente vêm recebendo visitas de outros grupos. No



entanto, alguns agricultores foram convidados e não tiveram interesse na proposta da produção agroecológica em função do longo histórico do assentamento na agricultura convencional.

O trabalho coletivo resgatou práticas antigas como os mutirões, reduzindo o custo com a contratação de mão de obra e sendo possível construir todas as estruturas coletivamente. As ações coletivas trazem resgate de práticas antigas, mas necessitam de uma articulação e organização do grupo para todos contribuírem de forma equivalente.

O aumento da produção da horta e do trabalho coletivo, há a diversificação de espécies vegetais e excedente de produção, sendo o primeiro movimento do grupo o consumo para “segurança alimentar” das famílias e a doação de produtos a vizinhos e parentes, reforçando a reciprocidade existente nas comunidades, ajudando a melhorar a alimentação de forma coletiva, e despertar para uma alimentação saudável, de forma regular e permanente de alimentos de qualidade e quantidade, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde com respeito à diversidade cultural e ambiental, econômica e socialmente sustentável.

A experiência de horta coletiva no Assentamento São Francisco mostrou-se ser uma possibilidade de produção agroecológica de forma coletiva, melhorando a segurança alimentar das famílias e da comunidade, além de ser uma fonte de renda para os agricultores envolvidos. O grupo demonstrou ter autonomia de produção e comercialização, com autoestima e orgulho do que fazem. Além de serem referência de produção agroecológica na regional do MST no norte da Bahia e com um papel pedagógico dentro do movimento. O grande diferencial desse grupo é que a produção agroecológica é uma essência de vida, e não somente um modelo de produção. Outro aspecto importante é a união entre os agricultores envolvidos e a reciprocidade entre os mesmos, fazendo com que o trabalho seja organizado, leve e com compromisso na luta pela produção de orgânicos dentro do assentamento São Francisco.

Referências bibliográficas

ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA - ANA (Brasil). **Método de análise econômico-ecológica de Agroecossistemas**. Rio de Janeiro - RJ, Paulo Petersen (Org). [et al.]. 1. ed. 246, p. 111 a 129. ISBN 978-85-87116-28-4. AS-PTA, 2017.

CARDOSO, E. et al. **Guia metodológico da Caderneta Agroecológica**. Recife: FIDA, 38p. 2019.

VERDEJO, M. E, et. al. **Diagnóstico rural participativo**: guia prático DRP. Brasília – DF. MDA / Secretaria da Agricultura Familiar, 62 p:il. 2010.